



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**IMPACTOS E TRANSFORMAÇÕES DA REPÚBLICA NO
MUNICÍPIO DE POMBAL-PB (1890 A 1930)**

PALOMA PEREIRA DE SOUSA

CAJAZEIRAS – PB

2021

PALOMA PEREIRA DE SOUSA

**IMPACTOS E TRANSFORMAÇÕES DA REPÚBLICA NO
MUNICÍPIO DE POMBAL-PB (1890 A 1930)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande, como, requisito para obtenção de nota.

Prof. Orientadora: Dra. Silvana Vieira de Sousa

CAJAZEIRAS-PB

2021

S725i Sousa, Paloma Pereira.

Impactos e transformações da República no município de Pombal-PB (1890 a 1930) / Paloma Pereira de Sousa. - Cajazeiras, 2021.

57f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2021.

1. Pombal-PB. 2. História. 3. História da Paraíba. 4. República. 5. História do Brasil. 6. Política. 7. Modernidade. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

A Maria José (Mainha) e Albertino (papai), responsáveis
pela minha jornada até aqui.

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Acredito que a vida seja feita de pequenas jornadas, sendo a universidade uma das mais completas e intensas. Ao chegar ao fim percebi a importância de cada pessoa que de uma forma ou outra me ajudou na travessia com êxito.

É com muita estima que agradeço a todos que colaboraram direta e indiretamente com este trabalho.

Primeiramente a ele! **Deus**, pai, mentor, pelo discernimento a mim dado, a caminha foi um pouco árdua, mas, o senhor sempre ouvia meu clamor. Meu muito obrigado.

A minha família pela foça em todos os momentos, e pelo orgulho de mim ver na universidade. A minha Mãe **Maria José Nery Pereira de Sousa (Zezé)**, mulher forte e guerra uma administradora maravilhosa, fazia milagres no final do mês, a meu Pai **Albertino Nery de Sousa** por todas as madrugadas que acordou junto comigo e mim levou ao ponto do ônibus. As minhas irmãs **Patrícia Pereira de Sousa e Priscila Pereira de Sousa** que sempre torceram pelo meu sucesso. As minhas “Marias”, sobrinhas amadas **Maria Alyce e Maria Eduarda**

Ao meu namorado **Walyston da Silva Cardoso**, essa pessoa maravilhosa e determinada que Deus colocou no meu caminho, agradeço por esta sempre comigo me dando força nos momentos no qual pensava em desistir. Acreditando no meu potencial.

A minha prima **Jaqueline Neri** pelos longos debates produtivos nas madrugadas.

A minha orientadora **Dr. Silvana Vieira**, exemplo de mulher forte, com quem divido esse momento de alegria e ao mesmo tempo de despedida. Ela nunca duvidou do meu potencial, sempre dando forças e coragem para escrever, apoiando nas horas de ansiedade e angústias, tirando minhas dúvidas relacionadas ao meu tema, e dicas como seguir em frente com a pesquisa.

A todos os professores do curso de História, que foram de grande importância na minha formação. Em especial, Silvana Vieira, Francinaldo Bandeira, Isamarc Lôbo, ao casal Viviane Gomes de Ceballos e Rodrigo Ceballos, Israel Sousa, Lucinete Fortunado, Mariana Moreira.

A complicada turma 2013.1, em especial a todos os 14 alunos guerreiros que conseguiram concluir o curso.

A meu querido amigo Paulo Sergio, pela força.

Aos meus amigos da “turma da praça”, pelos bons momentos vividos.

As meninas “loucas” do quarto 10, Jucicleide Marcelino, Maria das Graças, Kelly Batista, Karolayne Kelly e Pamela Lopez. Com quem compartilhei momentos bons e ruins.

As “Esdrúxulas” do “corredor da depressão”, entendedores entenderão, Raquel, Ana Vitória (vida), Kalyane, e as irmãs siamesas Sabrina e Fernanda.

As meninas da cantina: Mariana e Erivânia

Meu muito obrigada!

*“Deus marcou o tempo certo por isso
não desanimamos nunca! nos abandonamos
nos braços do Pai”*

(Geraldinho Correia)

RESUMO

O presente trabalho analisar os impactos e as transformações da chegada da República ocorrida na cidade de Pombal-PB no alto sertão da Paraíba. O objetivo é compreender o contexto político e social no final do século XIX e início do século XX bem como, as transformações geradas no quadro político do município e a inserção dos símbolos modernistas. Para atingir o objetivo da pesquisa, confrontou-se uma discussão bibliográfica com os autores Seixas (2004), Sousa (1999), Mello (1997) e Wanderley (2009) a fim de compreender o contexto social e político, da região de Pombal. Utilizaram-se, nesta pesquisa, fontes primárias, análise de teses, dissertações e artigos acadêmicos. A intenção é tentar compreender quem são os sujeitos políticos que se configura com o regime instituído, bem como tentar perceber como a atuação destes implica no contexto social do município de Pombal (PB), e que por sua vez, na inserção dos símbolos modernistas.

Palavras-chaves: Pombal, História local, República, Política, Modernidade

ABSTACT

The present work analyzes the impacts and transformations of the arrival of the Republic that occurred in the city of Pombal-PB in the high hinterland of Paraíba. The objective is to understand the political and social context in the late 19th and early 20th centuries, as well as the transformations generated in the political framework of the municipality and the insertion of modernist symbols. To achieve the research objective, a bibliographical discussion with the authors Seixas (2004), Sousa (1999), Mello (1997), and Wanderley (2009) was confronted to understand the social and political context of the Pombal region. In this research, primary sources, analysis of theses, dissertations, and academic articles were used. The intention is to try to understand who are the political subjects that are configured with the instituted regime, as well as trying to understand how their performance implies in the social context of the municipality of Pombal (PB), and that, in turn, in the insertion of modernist symbols.

Key-words: Pombal. Local History. Republic. Politics. Modernity

LISTA DE TABELA

TABELA 01: Índice de alfabetização Pombal (PB) no ano de 1920.....	22
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I: POMBAL-PB ESPAÇOS DA PESQUISA: ALGUMAS NOTAS HISTÓRIOGRÁFICAS	14
1.1 DE POVOAÇÃO A CIDADE: POR UMA HISTOGRAFIA POMBALENSE	15
1.2 UM OLHAR SOBRE A POMBAL (PB) DO FINAL DO SÉCULO XIX.....	21
CAPÍTULO II. ANUNCIO DA REPÚBLICA NO BRASIL: VELHAS E NOVAS INTERPRETAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA	24
2.1 REPRESENTANTES DO IHGP: FALAS HEGEMÔNICAS SOBRE A REPÚBLICA.....	26
2.2 NOVA HISTÓRIA SOCIAL E UMA NOVA HISTORIOGRAFIA SOBRE A REPÚBLICA..	31
CAPÍTULO III. A REPÚBLICA CHEGA NA CIDADE DE POMBAL PELAS VIAS ADMINISTRATIVAS: DESLOCAMENTOS DE CADEIRAS DO PODERIO E INÍCIO DE UMA POSSÍVEL MODERNIDADE	35
3.1 DE CÂMARA A INTENDÊNCIA MUNICIPAL: PRIMEIRO ATO QUE OFICIALIZOU A REPÚBLICA NA CIDADE DE POMBAL.....	36
3.2 AS PRIMEIRAS DÉCADAS DA REPÚBLICA: SIGNOS DE UMA POSSÍVEL MODERNIDADE EM POMBAL.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXOS.....	53

INTRODUÇÃO

De todas as ciências, o saber histórico sempre me fascinou, quando ainda criança, parava minhas brincadeiras toda vez que avistava uma roda de adultos conversando em suas calçadas, principalmente quando o assunto remetia ao passado daquelas pessoas. As frases sempre começavam “há! naquele tempo”, era nesse momento que se narrava as melhores histórias, e essas, na sua maioria tinha a cidade de Pombal (PB) como cenário. Lembro-me de ficar ali por horas, ouvindo e tentando imaginar como era a cidade descrita por aquelas pessoas, as narrativas eram cheias de detalhes que dava até saudade do período a qual eu não vivi.

O tempo de criança foi passando, porém, a curiosidade de entender o que passou sempre me instigou. Contudo, foi através do curso de história que percebi que, não só poderia visitar esse passado de Pombal que tanto encantava, como também poderia compreender, e mais além, como poderia escrever sobre aqueles anos de que tanto ouvi falar. O sentimento é de orgulho, desta que vos escreve, por pertencer a uma cidade, embora que pequena e de pouco desenvolvimento em comparação as outras localidades, é repleta de valor histórico e cultural.

A disciplina de história do Brasil III lecionada pela professora Dr^a Silvana Vieira no curso de licenciatura plena em história, foi a mola propulsora para se pensar este trabalho. A disciplina por sua vez tinha o objetivo de estudar “a Primeira República no Brasil 1889-1930: constituição e crise. Estudar a memória e representações do cotidiano social e cultural das primeiras décadas da República.”

Para tanto, se fez necessário um diálogo com os autores Nicolau Sevcenko, José Murilo de Carvalho, Raymundo Faoro, entre outros, dialogamos também com a literatura, livros como “o cortiço” de Aluizio de Azevedo, “capitães de areias” de Jorge Amado e “os sertões” de Euclides Cunha, proporcionando para os alunos matriculados um conhecimento sobre o período estudado.

É fato que a duração do período estipulado pela grade curricular não foi o suficiente para um estudo mais aprofundado sobre o assunto acima mencionado, porém, foi o bastante para provocar em alguns alunos o gatilho da curiosidade que na maioria das vezes acaba gerando as mais diversas indagações. O que me moveu a refletir sobre isso

foi exatamente a curiosidade de estudar como se deu a implantação da República nas pequenas urbes. Os trabalhos encontrados sobre a temática em sua maioria, se não totalmente, não respondia as minhas perspectivas, pois a maioria destes quando se referia as cidades traziam consigo as grandes metrópoles.

Caros leitores, A cidade de Pombal está localizada no Alto Sertão paraibano, estando a 372 km da Capital do Estado, João Pessoa. Possui uma extensão de 894,099 km² e apresenta uma população de 32.110 habitantes de acordo com dados do censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹. Pombal, segundo a historiografia paraibana foi o primeiro núcleo de povoamento do Alto Sertão e teve sua fundação em 1698.

Deste modo, o presente trabalho tem como principal objetivo, compreender e analisar os impactos e as transformações ocorrido na cidade de Pombal (PB) com a chegada da república. Analisam-se o contexto político e social no final do século XIX e início do século XX bem como, as transformações geradas no quadro político do município e a inserção dos símbolos modernistas.

Dessa forma, compreendendo a importância da historiografia e sua função na operacionalidade do profissional da escrita da história, este funcionário da museu grega Clio, é importante mencionar que a historiografia e referências bibliográficas analisadas nessa monografia estão embutidas de laços históricos com a própria história das metodologias e teorias históricas vigentes na sua escrita. São historiadores, historiógrafos e autores que tinham outra visão de história e escrita. Os livros, *o Velho Arraial de Piranhas* (2004) e *Trajetória Política de Pombal*, foram trabalhos de historiadores locais, que através de uma análise bibliográfica nos permitiu compreender indagações gerada no processo da pesquisa.

Desta forma, o historiador é movido pela curiosidade e essas geram inúmeras indagações que são fundamentais para nortear o caminho de tentar compreender a busca por resposta. Pois, um pesquisador muitas vezes pode não buscar acontecimentos passados, mas seu não contentamento com o presente o leva invariavelmente por esse

¹ Dados disponíveis em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico>. Acessado em 20 /05/2016.

caminho já que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado” (BLOCH, 2002, p. 65).

Segundo Certeau (1982), o historiador inicia sua labuta de uma questão que lhe desperta interesse, e o ambiente em que ele está inserido, geralmente é o que aguça o seu senso de pesquisa, o que ele denomina de “lugar social”. Nesse viés minhas memórias, encontros e desencontros com a cidade de Pombal (PB), são essenciais para compreender desde a escolha desse tema até a escrita desta monografia.

Este trabalho de conclusão de curso possui três capítulos que fazem um estudo sobre as particularidades culturais e históricas do objeto proposto, ou seja, a chegada da República na cidade de Pombal. O primeiro capítulo intitulado: **“Pombal-PB espaço da pesquisa: algumas notas historiográficas”** objetiva apresentar ao leitor o município de Pombal, sob a perspectiva dos estudos realizados, que buscaram apresentar o processo de formação que levou a categoria de cidade, bem como as notas iniciais que os estudiosos abordam a Primeira República.

No segundo capítulo, intitulado: **“anúncios da República no Brasil: velhas e novas interpretações na historiografia”**. Fazemos uma problematização sobre como a chamada historiografia positivista e a chamada Nova História anuncia a República como analisando falas hegemônicas de membros do Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP) sobre a questão da República, bem como alguns trabalhos historiográficos da Nova História sobre a temática.

Por fim, no terceiro capítulo é apresentado o nosso objeto de pesquisa, intitulado: **“A República chega na cidade de Pombal pelas vias administrativas: deslocamentos de cadeiras e início de uma possível modernidade”** iniciamos a discussão da chegada oficialmente da República na cidade através da apresentação da ata de seção do dia 17 de janeiro de 1890 da câmara municipal, dada em que se instaura o novo regime de governo. Procuramos entender os sujeitos sociais que participaram e aturam nesse sentido, questionando se eram novos ou velhos sujeitos da história da política local. Procuramos observar a partir disso, as transformações e mudanças na política ocorridas no município, bem como perceber as formas de implementação dos símbolos da modernidade característico do período estudado.

CAPÍTULO I

POMBAL -PB ESPAÇO DA PESQUISA: ALGUMAS NOTAS HISTORIOGRÁFICAS

Iniciar um trabalho de conclusão de curso é algo extremamente difícil, bem! Foi para mim. Quero convidar a você leitor que chegou até aqui para que juntos percorramos esta jornada.

Como momento primeiro, esse capítulo tem o objetivo de realizar uma breve apresentação do objeto de estudo e mais precisamente do espaço em que ele situa, a cidade de Pombal (PB), buscando, através da historiografia local, entender como se deu a formação da cidade e como a mesma se encontrava politicamente e socialmente no final de século XIX, para que possamos perceber as transformações ocorridas na sociedade pombalense entre o período acima mencionado, o estudo do mesmo se faz necessário para uma melhor a compreensão do leitor sobre os impactos provocados quando se instaura o regime republicano brasileiro no município que é de fato o que estudamos nessa monografia.

Para isso, é necessário a aproximação e diálogo com os autores, Verneck Abrantes de Sousa (1999), Wilson Nóbrega Seixas (2004) e Helmara Wanderley (2013), que abordam a história social, política e cultural da cidade sertaneja. Como também a obra do historiador paraibano José Otavio de Arruda Mello (1997), seu trabalho nos fornece informações fundamentais para compreender naquela época o contexto e alguns aspectos da cidade de Pombal (PB).

Desta forma, para a realização deste capítulo iremos utilizar a obra “O velho Arraial de Piranhas” (2004), um livro que teve sua primeira edição em 1969 pelo historiador pombalense Wilson Nobrega Seixas, o autor utiliza uma historiografia baseada no modelo rankeano, modelo esse que para a época era bastante utilizado. Uma história fundamentalmente política, centrada em indivíduos politicamente relevantes, significativos na sua atuação. Assim o livro apresenta uma história baseada em documentos, estatais e biográficos dessas das excelências, ou grandes homens que fizeram parte da história da cidade. Tornando assim uma história que não pensa o conjunto da sociedade, deixando então muitas lacunas.

O fazer- se “história” no ano em que o livro fora escrito acreditava no ideal de neutralidade, na separação entre o pesquisador e sua obra, já que o positivismo por sua

vez reduz o papel do homens enquanto ser pensante, crítico, fazendo deste mero coletor de informações e fatos presentes nos documentos, que/os quais seriam capazes de entender por si só (CARDOSO, 1997, p.36).

Assim, embora com uma corrente de pesquisa não mais utilizada na produção de novos conhecimentos, está pesquisa não irá problematizar o modelo historiográfico no qual o livro foi escrito, mas, o capítulo proposto irá fazer uso do mesmo como fonte de pesquisa. O livro tem seu valor, é utilizado como referência para muitos trabalhos, com novas possibilidades e novas fontes, o pesquisador passou a ter uma visão mais ampla do tema trabalhado (BERTUCI, 2009, p. 123).

Cabe a pesquisadora o papel de dialogar com o trabalho realizado por Seixas, pois, por pertencer a uma família de grande influência política e econômica no município, o autor teve acesso a uma gama de documentação, eclesiásticas e cartoriais, tornando sua obra de mais de 460 páginas um trabalho riquíssimo.

Essa monografia foi planejada por intermédio dessa problematização sobre as permanências, rupturas e reformulações no campo sociopolítico da cidade investigando dos signos da modernidade aos reflexos das estruturas enraizadas como o poderio dos latifundiários locais e suas famílias.

1.1 DE POVOAÇÃO Á CIDADE: POR UMA BREVE HISTORIOGRAFIA POMBALENSE

Com a revolução epistemológica desencadeada pela Escola dos Annales, a partir de 1929, e que teve seu auge nos anos de 1960-1989, com a chamada terceira geração dos Annales, as cidades passaram a ser vistas como objetos de pesquisa histórica por comportarem nelas as mais variadas manifestações do espírito e da engenhosidade humanas. (SOUSA, 2010, p. 7).

Desse ponto de vista, as cidades compõem além de centros humanos e relações comerciais, um emaranhado de culturas possíveis de serem estudadas e discutidas por meio de vários pontos de vista, levando em conta seu conjunto estruturante e uniforme chamado, cidade. Todavia esse entendimento é mais recente. vamos ver essa questão nas abordagens que selecionamos para esse ponto.

A historiografia é a labuta do historiador, sendo a mesma um instrumento de registro e discurso de muitos intelectuais, para Certeau (data) em sua obra clássica *a operação historiográfica*, nos faz pensar na relação do historiador, seu lugar social e suas visões de mundo como componentes da escrita da história chama atenção para repousa um fundamento essencial, à função do historiador, na sua relação com a escrita e a história. A historiografia é um emaranhado de atos que são represados em uma escrita que tenta traduzir resultados, objetivos, caminhos, metodologias, e propriamente a pesquisa em si. A ampla maioria dos livros sobre a história de Pombal estão voltados a uma escrita teórica positivista, que denota em si, essências do historiógrafo ou do escritor e seu entendimento sobre a história.

Desta maneira, o livro “*O Velho Arraial de Piranhas- Pombal*” (1962), foi considerado por muitos anos o responsável pela historiografia dita oficial da cidade, escrito pelo historiador pombalense Wilson Nobrega Seixas, datada o ano de sua publicação foram considerados por muitos historiadores uma obra riquíssima, já que a mesma reunia, segundo as críticas, um acervo de informações e datações

Mas, mesmo que a clássica historiografia de Pombal seja um repertório de datas, sujeitos políticos e mandatários, elas nos auxilia e torna possível uma reflexões teórica sob uma novas perspectivas da história sociopolítica ou de uma historiografia voltada a uma nova visão política a partir de olhares sociais e da história cultural, análises de poderes, lugares e discursos aliada a uma visão da história social, pois, mesmo sendo obras embutidas do paradigma positivista e outras correntes divergentes da escolha teórica e metodológica dessa pesquisa, é relevante estudar, analisar e compreender essas obras dentro do espectro do seu tempo sem valores de juízos atuais, nada de anacronismos.

Na busca de outros arcabouços teóricos e metodológicos para essa pesquisa, dialogamos e bebemos das fontes de grandes pensadores como a historiadora Pesavento concordando com Santos para quem a historiadora representa a seguinte importância:

Os textos historiográficos sobre o urbano (e também sobre outros temas, como a (des)institucionalização da loucura e a relação história-literatura, por exemplo, que é onde se insere minha pesquisa de pós-graduação) a partir dos trabalhos da historiadora Sandra Pesavento (a qual em sua vida acadêmica orientou mais de 90

alunos de mestrado e doutorado em História na UFRGS), passaram a focar o imaginário social e suas representações, de forma mais explícita e articulada com o que de concreto existe e acontece numa cidade. Assim, foi resgatada uma história mais complexa da urbe, de suas práticas culturais e simbólicas (SANTOS, 2009, p.6).

Fica nítido nas palavras de Santos (2009.) a importância de Pesavento na historiografia e como um bom comentador este aponta seus enfoques em pesquisas. É nesse interesse e deslumbre dela na perspectiva de análise das práticas sociais e culturais em torno das cidades que suscitou o diálogo dessa pesquisa com esta importante historiadora.

Pensando, no que diz respeito aos meios de desenvolvimento da região sertaneja da Paraíba, as primeiras posições de ocupação foram designadas aos grandes latifundiários. Esse primeiro momento, vê em todo o interior uma acumulação de terras nas quais a criação de gado passa a dar ao lugar o tom de desenvolvimento na região.

Os grandes latifundiários, que constituíram as primeiras fazendas, com o sertanista Sargento-mor Antônio José da Cunha, em 1691, que tinha mais de 1.500 cabeças de gado vacum e cavalar, povoando as terras às margens do Rio do Peixe Piranhas e reivindicando sesmarias, depois de tremendos combates com índios Ico-pequeno, foram: Luis Quaresma Dourado - Poço de Pedras; Custódio de Oliveira - Chabocão; Theodósio Alves de Figueiredo - Serra do Comissário; Manoel de Oliveira Ledo – Bom Sucesso, Araçás e Cais; Capitão Basílio Seixas – São Gonçalo. (PINTO, 2008, p.41)

Pinto (2008), coloca bem claro as regiões que primeiro se desenvolvem, como já havia sido comentado as formas iniciais de ocupação se deram por meio da criação de gado para manutenção dos povos da região litorânea, que por muito mantiveram alimentadas pelas fazendas sertanejas.

Partindo do ponto de vista dos princípios formador das cidades notamos que estas surgem simultaneamente mas que, somente algumas vão ter as condições de se tornarem vilas e cidades futuramente. Leme (2001) já destacava o fato de algumas cidades apesar

de similares terem graus de desenvolvimento diferentes, isso se dá por meio das relações comerciais e o favorecimento de vias de ligação que algumas cidades dispõem.

Diante dessa problematização, a cidade de Pombal (PB) tem sua formação inicial ainda nos primórdios do período colonial, sendo a mesma, resultado das expedições dos bandeirantes e/ou entradistas rumo aos sertões. Estes, “incendiados pela ganância e em nome do avanço da civilização, escravizaram indígenas aos milhares” (BUENO, 2003, p. 58).

Assim percebemos que, a cidade, tal como em toda região sertaneja, apontada nos diversos tipos de trabalhos acadêmicos, tem sua história marcada pelos conflitos sangrentos dos desbravadores contra os *brasilíndio*, que por sua vez resultou na extinção habitantes nativos, e pela doação de terras da Coroa Portuguesa a famílias influentes e de um poder econômico e político considerável.

Sobre esse tema da formação e ocupação inicial Seixas (2004) afirma que:

As terras do sertão continuavam despovoadas quando Teodósio recebeu a incumbência do governador da Paraíba para fundar o Arraial do Piancó. (...). Não havia nenhum interesse da parte de Teodósio de Oliveira Ledo em descobrir terras. Tudo ali já havia sido descoberto pelos seus ancestrais e pela célebre Casa da Torre da Bahia. O fato é que com as providências tomadas pelo capitão-mor Teodósio, voltava a completa paz as terras das Piranhas. E novamente incrementaram a indústria pastoril e a lavoura. (...) Levava para o sertão sua própria família. (SEIXAS, 2004, p. 145).

De acordo com essa assertiva, a vinda da família dos Oliveiras Ledo para se fazer morada o sertão das Piranhas² traz uma nova perspectiva para a região tanto para a criação de gado e a exploração, como era de costume nesse período, como também, e principalmente, a de habitação, ocupação e povoação, pois, a instalação de uma família cujo nome possuía reais ligações com a casa da torre da Bahia tornava o local propício para morada, e assim, atrair outras famílias. Mas não podemos deixar de lembrar os

² Termo utilizado para caracterizar o interior da Paraíba

custos para os nativos que habitavam ali e que foram passados por cima com violência e morte.

Portanto a cidade de “Pombal foi o primeiro agrupamento humano que se formou no Alto Sertão da Paraíba, centro de irradiação territorial e fonte de onde se originaram outros núcleos de população” (SEIXAS, 2004). Ainda segundo o autor a instalação dos Oliveiras Ledo na região marca o ponto inicial para a formação do que viria a tornar o que é hoje. (idem). Diante dessa problematização, Sousa (1999) afirma que, por carta régia, solicitada pelo próprio Capitão-Mor Teodósio ao Governador, o “Arraial do Piancó” é fundado em 27 de julho de 1698, posteriormente nomeia-se “arraial de nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó”.

Com a consolidação da conquista do Sertão, a criação de currais de gado e engenhos tornava o povoado mais prospero economicamente, o desenvolvimento da população de Pombal foi tão intenso durante o período colonial que segundo Seixas (2004) determinou logo o funcionamento da Câmara municipal, ao mesmo tempo que, por carta régia de 22 de julho de 1766, o rei D. José I autoriza a criação de vilas. Contudo foi somente segundo Wanderley (2013), somente seis anos mais tarde que a povoação do Piancó é elevada a condição de vila³, com a denominação de Pombal⁴.

Verneck (2002) faz a seguinte descrição da cidade de Pombal, em relação ao ano em que foi elevada ao *status* de cidade:

1862-Pela Lei 63 de 21 de julho, a vila de Pombal é elevada a categoria de cidade. (...) Na época, Pombal não tinha mais que cem casas. Três ruas apenas, a do Rio, a dos Prazeres, depois denominada Rua do Comércio, e na direção sul havia a Rua São Benedito que com as outras acima formavam o Largo do Bom Sucesso. Tinha ainda a vila que passava à dignidade de cidade um açude público, o mercado, uma igreja, cadeia e a casa da câmara.

³ De acordo com Verneck, “Pombal foi a primeira vila que se fundou no sertão da Paraíba, antes, se conhecia apenas a vila de Pilar (1758), Alhandra (1765) e a do conde (1768), todas próximas do litoral.

⁴ De acordo com a carta régia de 22 de julho de 1766, que autorizava a ereção de vilas nas capitâncias de Pernambuco e Parayba, os administradores deveriam denomina-las como nomes de cidades portuguesas. Considera-se que foi o Marquês de Pombal quem, sugeriu criar novas vilas nas referidas capitâncias, o que deve sem dúvida alguma influência na escolha da vila a ser homenageada. (Apud Wanderley, 2013, p. 29)

Com base na citação supracitada, segundo a descrição do autor a vila de Pombal elevada à categoria de cidade demonstrava um espaço físico um tanto acanhado, com desenvolvimento econômico inferior, embora alcançado o status de cidade a mesma ainda carregava características marcantes da vila ou até mesmo de um povoado.

O período que abrange a segunda metade do século XIX é marcado por grandes problemas e dificuldades de ordem socioeconômicas oriundas, não apenas, das intempéries climáticas da região, mas, principalmente, pela ação dos que estavam no poder e que tinham como objetivo principal as suas permanências no comando da região para tirarem proveitos próprios e adquirirem prestígios, deixando de desenvolverem políticas públicas que amenizassem o sofrimento dos sertanejos, nos anos da ocorrência das secas. Vale ressaltar que aliada a essas dificuldades, havia um grande problema de locomoção naqueles anos, o qual não atingia apenas o município, mas todo o sertão paraibano devido à ausência de veículos automotores.

Segundo Seixas (2004, p. 260):

Tanto mais difícil ainda quando se sabia que a Vila de Pombal, por ser mais distante e maior territorialmente falando, do que as outras, e por isso as suas dificuldades tornar-se-iam maiores no que tangia aos serviços de transportes e correios. Gastavam-se vários dias na travessia de uma vila a outra [...]

Ainda nessa perspectiva, Sousa (2010, p.03) relata que:

[...] apenas 15 anos que Pombal tinha passado ao *status* de cidade isolada e com acesso exclusivamente por caminhos de terras. A época era dos carros de bois e cascos dos cavalos pelas veredas do sertão. Os homens percorriam a pé, para chegar ao seu destino [...].

Conforme se pode observar, a partir da descrição do autor à vila de Pombal no período de sua elevação à categoria de cidade, apresentava-se um contexto de pouco desenvolvimento no seu aspecto socioeconômico e, sendo ainda, uma cidade muito pequena no que se referia ao seu espaço físico. Ser considerado o primeiro núcleo irradiador do sertão da Paraíba, não significava dizer que a jurisdição era uma das mais

influentes economicamente. Podemos observar segundo Seixas que a vila de Pombal se torna a quarta cidade mais antiga da Paraíba⁵, porém, no que se refere ao seu crescimento econômico a cidade caminhava a passos lentos em comparação a outras cidades que teve um processo de formação anos depois.

1.2 UM OLHAR SOBRE A POMBAL (PB) DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

A cidade de Pombal no final do século XIX e início século XX estava vivenciando um arcabouço de mudanças sociais com a chegada da República e de suas ideologias gerando transformações sociais, entraves e embates políticos fervorosos. Sobre esse momento Seixas aponta que a luz dos documentos uma análise que vislumbra uma Pombal que apresenta já no seio meio social discordâncias em vários lugares e debates emergentes sobre as tendências políticas do momento. De um lado há grupos abolicionistas, alguns liberais e de outros situacionistas locais apoiadores da manutenção da situação vigente do império. Dentro dessa fácil dicotomia certamente houve impasses corriqueiros o que podemos dizer que a sociedade não passa por rupturas bruscas e rápidas no seu meio social brasileiro da época sem realocar e disputar lugares e espaços sociais políticos.

O mesmo, Seixas em sua obra remota ao um quadro interessante de sucessivas cartas de alforrias sendo registradas no cartório da cidade vésperas da abolição tendo assim na sua opinião o município de Pombal um grupo enorme de abolicionistas e agitadores republicanos. A cidade mesmo pertencendo a uma região a tangente das grandes metrópoles, estava inserida no contexto no âmbito nacional.

Ressaltamos que o período que abrange a última metade do século XIX é marcado pela transição do governo Imperial para o republicano, momento regido pelos ditames da política coronelista, principalmente, na região Nordeste. O ambiente sócio econômico do município como também de todo o sertão paraibano, foi marcado pelo cenário de pobreza provocado pelas secas, favorecendo o domínio dos coronéis que passaram a exercer

⁵ Pombal foi a quarta vila da Província elevada à categoria de cidade. Antes já tinham sido elevadas Areia em 1846, depois Sousa, em 1854, Mamanguape no ano de 1855 e finalmente Pombal em 1862 (SOUSA,1999).

controle e influência sobre as classes sociais menos abastadas, através dos “favores” e dos programas de emergências implantados como medidas para amenizar o contexto de miséria no período das estiagens.

A Pombal deste período pouco se alterou Sousa (1999, p. 48) faz um esboço da situação da cidade nesse período.

[...] era ainda uma pequena cidade, com seis ruas e outras casas isoladas, alto índice de analfabetismo, tendo como principal renda a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva, atrasadas. No entanto, a política partidária era uma constante na vida da população local. Os chefes políticos da época dos “currais eleitorais” estavam sempre atentos para manter-se no poder administrativo Municipal [...].

Com base na apresentação do autor, no início do século XX a cidade sertaneja ainda estava dando os seus passos iniciais no que se refere a sua estrutura física. Apresentava pouco crescimento urbano e dificuldades econômicas, porém, no contexto político percebemos sinais por uma corrida pelo poder local, característica típicas desses primeiros anos do período republicano.

A sociedade por sua vez, no aspecto da escolaridade havia um alto índice de analfabetismo. Portanto, ainda não havia na cidade infraestrutura básica, como melhores estradas, meios de transportes, escolaridade, saneamento básico, energia elétrica e, nem mesmo, assistência médica para as pessoas que eram acometidas por enfermidades.

No Ano de 1920 segundo Verneck (1999), apesar de imenso em questões territoriais o município de Pombal (PB) continuava uma pequena cidade, a comunicação deficitária com outros centros mais avançados e as instruções educacionais restritas a zona urbana, com pouca influência na zona rural. vejamos a tabela abaixo o cenário de alfabetização do grau de instrução primária.

tabela 01— Índice de alfabetização Pombal (PB) no ano de 1920

Sabiam ler e escrever	Não sabiam nem ler ne escrever
Homens: 2.057	Homens: 7.400
Mulheres: 1.194	Mulheres: 8.608
Total: 3.251	Total: 16.048

Fonte: SOUSA (p.54)

Saindo do cenário educacional e partindo para o âmbito da saúde Seixas (2004) faz a seguinte colocação:

Até o ano de 1929, não havia médico em Pombal. Quando se precisava de um profissional da saúde, mandava-se buscar em Sousa ou Iguatu. A falta desses obreiros da saúde pública se explica o atraso em que andou, por longo tempo, o nosso município, na dependência de outros, onde não faltavam os cuidados de uma assistência médica profissional. Daí explica igualmente a elevação do índice de mortalidade no século passado em nossa cidade, (...). (p. 399-400)

Com base na citação supracitada, constatamos que a população de Pombal (PB), durante longos anos, vivenciou, não apenas, o problema das estiagens presentes no município, mas também a ausência da saúde pública. Sendo necessário aos pombalenses, quando acometidos por alguma enfermidade, recorrer à assistência médica nos municípios vizinhos. Assim, fica claro que o aumento da mortalidade, a qual se refere o autor, que ocorreu neste burgo sertanejo, deveria ser decorrência da falta de assistência social das autoridades políticas, já que, nas cidades vizinhas ao município havia assistência médica. Entretanto, isso nos faz ter uma visão analítica de que os que mais sofreram foram as famílias pertencentes às classes sociais mais carentes, que não tinham condições financeiras para mandarem buscar o médico e pagar os honorários. Por isso, muitos viram seus entes queridos morrerem sem assistência.

Assim, vemos que a cidade pouco se transformou no sentido de bem estar para toda a sua população, mesmo com advento da república como procuraremos mostrar nos próximos capítulos de forma mais aprofundada a partir da análise de referências bibliográficas e autores da historiografia local. É o último capítulo voltado na análises de documentos sobre essa transição que se faz necessário essa discussão sobre a historiografia local e desenrolar primário dessa pesquisa.

CAPÍTULO II

ANÚNCIOS DA REPÚBLICA NO BRASIL: VELHAS E NOVAS INTERPRETAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA.

É de suma importância nessa monografia um debate historiográfico sobre o período que permeia as análises da cidade de Pombal entre fim do século XIX e início do século XX, período esse que situa o objeto de pesquisa a concepção da “República” e sua chegada ao quadro político administrativo e sociocultural.

Dessa maneira, a análise da historiografia ou senão das historiografias foram modificando de acordo com fatores sociais, teóricos e metodológicos de cada corrente da história e refletida na sua escrita. Não foi diferente na construção, estudos e análises sobre a ideia “República” e demais conceitos e fatos históricos que orbitam tal concepção.

Silva frisa que:

A historiografia brasileira do século XIX narrou seus acontecimentos de forma factual, os grandes fatos, apenas eles tinham o direito de ser lembrados e contados. Durante muito tempo a nossa historiografia foi um ofício da elite, e essa nos impôs a um ostracismo intelectual, trazendo à tona apenas o que era de interesse de seu grupo social, nos fazendo esquecer sujeitos que somaram em conhecimento nos processos de evolução das sociedades no tempo (2011, p.642).

A escrita da história se modificou ao longo do tempo assim como os seus produtores de saberes, assim como delimita Silva, pois é no início do século XIX a escrita da história era feita pela elite e para a elite. Porém, em meados do século XX surge uma nova forma de se pensar a história, buscando trazer novas perspectivas, novas abordagens, novos métodos de pesquisa.

Assim, a função dessa discussão é refletir sobre esses pontos destoantes e não menosprezar as correntes historiográficas, fazer comparações rasas, mas compreender que esses escritos históricos sobre a República ou outro tema qualquer dessa área epistemológica merece cuidados e não pode repousar em anacronismos fáceis.

Outrossim, são inúmeras formas e correntes historiográficas que surgiram e desenvolveram compreensões sobre esse recorte espacial e temporal, no entanto, para essa monografia e como uma escolha, foi importante nesse momento determinar duas

correntes historiográficas que demarcam não apenas divergências, mas, divergências de paradigmas científicos.

Dessa forma, afirma Gontijo:

Para além das particularidades que distinguiam os paradigmas científicos difundidos entre os intelectuais brasileiros da virada do século XIX, observasse a convergência de perspectivas no sentido de consagrar a ciência como o melhor meio para compreender e solucionar os problemas sociais. A ciência era tida como o caminho ideal para reduzir os fenômenos sociais a leis e informações objetivas, capazes de fomentar o desenvolvimento de instrumentos adequados a intervenções reformadoras na sociedade. Assim como grande parte dos intelectuais do início do século XX, Manoel Bomfim também valorizava o saber científico, considerando-o como um pressuposto legítimo e necessário para a apreensão da realidade (2003, p.131).

Para Gontijo, em sua análise do papel do Manoel Bomfim um grande analista do início da República a ideia de ciência naquela época era voltada para um caminho de progresso científico e como uma proposta de entender a realidade.

No início da República até a chegada massiva de estudos voltados a uma aceção mais marxistas nas universidades e entre os historiadores brasileiros a moda francesa de se pensar e escrever história era uma das unicidades entre historiadores frutos daquele tempo. Por isso utilizamos a corrente historiográfica positivista ao qual não apenas analisa como influência nos moldes da República aqui instaurada.

Em contrapondo, também é importante refletir e compreender o papel da mais recente historiografia marcada com as concepções de uma Nova história ou uma história sociocultural é uma das correntes mais utilizadas e tem mais adeptos na atualidade, um novo paradoxo científico moderno ou pós moderno que vislumbra novos olhares, análises de sujeitos antes não vislumbrados e desloca estudos para camadas, grupos e classes sócias.

Nessa nova historiografia a “República” é feita, como diz Carvalho em obra cujo título é *os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi* (1987), por disputas internas antes durante e pós-instauração da República e direciona uma lupa para bastidores, tensões e redes sócias por atrás da construção de símbolos, heróis e signos de um suposto progresso um progresso.

Todavia, não se trata de um estudo comparativo descritivo ou de senso de valor sobre ambas as perspectivas históricas e historiográficas, mas de olhares para o fazer, escrever, vivenciar, narrar, científico, teórico da história. Compreender a historiografia e seu papel como além de produtora de conhecimento histórico, o que já é um papel, mas de mobilizadora e reflexo de paradigmas científicos, de outra forma de visibilizar essa discussão.

2.1 REPRESENTANTES DO IHGP: FALAS HEGEMÔNICAS SOBRE A REPÚBLICA

No século XIX estado brasileiro não estava preocupado apenas na sua formação política para atender a interesses econômicos e sociais. Transformar a ex-colônia portuguesa em nação exigia muito mais que coerção. Se estabelecer como nação demandava muito mais que coerção. Demandava, inclusive, a educação de uma elite que deveria assumir os postos de comando⁶.

A criação do IHGB⁷ por exemplo foi uma instituição criada para essa finalidade, sua historiografia se baseia num momento de universalidade e formação de uma identidade nacional que busca em meio às divergências e agora apoiada em um poder monárquico central, moldar uma história nacional que busca dar cara e corpo ao Brasil como nação.

Se uma inter-relação entre Estado e produção do discurso historiográfico no Brasil no século XIX já se fazia sentir desde a fundação do IHGB, tal dinâmica tenderá a assumir formas mais claras e diretas a partir de 1849-50, coincidindo com a estabilização do poder central monárquico e de seu projeto político centralizador, Escrever a história brasileira enquanto palco de atuação de um Estado iluminado, esclarecido e civilizador, eis o empenho para a qual se concentram os esforços do Instituto Histórico. (Guimarães, 1988, p.10)

Uma das políticas mais importantes empreendidas pelo instituto brasileiro foi o incentivo para a criação de Institutos Históricos locais. A idéia, defendida por eles era

⁶ Essas afirmações baseiam-se principalmente no texto de: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional** In Estudos Históricos. 1. Caminhos da Historiografia. Rio de Janeiro: Edições Vértice, 1988.

⁷ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) criado em 1838.

que os Institutos Históricos localizados fariam a História da Província onde estivesse situado e a remeteria para o Brasileiro. Assim, com a soma das partes, seria feita a história nacional.

Com a proclamação da República, o ideário de nação se configura no viés republicano, neste momento, os intelectuais viam a necessidade de se enxergarem como nação republicana. É neste contexto que em 1905 cria-se na Paraíba o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP)⁸, o qual como se havia feito antes no campo nacional, buscava dar uma cara e uma origem a este local chamado Paraíba, o que era ser Paraibano? Dentre várias imagens criadas como povo forte e trabalhador serviu para reforçar as culturas locais que fazem parte desse todo chamado Brasil, a preocupação era sistematizar, preservar e difundir cada vez mais esse conhecimento local.

Cada instituto era digno de sua particularidade, o IHGP por exemplo, era formado por “homens letrados”, estes em sua maioria, se não toda, possuía reais ligações com o poder local muito marcante desse período.

Sendo assim, Edinaldo afirma que,

A historiografia paraibana, (...) era identificada como uma produção de uma parte letrada da sociedade a qual sempre esteve ligada aos dominantes políticos que estavam presentes nessa escrita, seus nomes e suas benfeitorias estavam nos registros historiográficos iniciais, como se estes fossem por si só os agentes de todas estas transformações, sendo de cunho de novas pesquisas esta desmistificação e a retirada de certos semblantes heroicos, os quais haviam sido mistificados em sua época por caprichos ou interesses locais. (2017, p. 17)

Diante deste contexto, analisaremos o tratamento historiográfico dado a primeira república pelos intelectuais do IHGP, deste modo, elencamos os escritores Wilson Seixas e Luiz Guimarães, sendo o primeiro natural da cidade de Pombal (PB).

Logo, peço desculpa ao leitor pela longa citação a baixo, mas que se faz necessário para perceber como a República é anunciada por esses “homens letrados”.

Segundo Seixas:

Após o movimento do abolicionismo — que aqui em Pombal teve certamente seus precursores, como consta dezenas cartas de alforrias e liberdade que encontrei nos livros de notas dos Juízo deste Cartório,

⁸ Sobre a criação e papel do IHGP ver Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Ano I, vol. 1. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1980,

desenrola-se em Pombal a campanha republicana. Sem dúvida alguma, foi escolhido para dirigir, primeiro, os destinos do município de Pombal o sr. João Dantas de Assis. Sua nomeação para o conselho em nada alterou, na sua continuidade, a política do comandante interino, o sr. Cândido de Assis. [...] com a República, o primeiro Governador da Paraíba a ser nomeado foi Venâncio Neiva. Logo depois, é constituída no Estado, a Junta Governativa, composta do coronel Cláudio do Amaral Savaget, Dr. Eugênio Toscano Leite e Joaquim Fernandes de Carvalho. Essa Junta dissolve a primeira Assembléia Constituindo e Legislativa da República. Toma posse, em seguida, Álvaro Machado, o segundo governador republicano da Paraíba. Por sua vez, muda a política de Pombal. Os Assis, que governavam os municípios desde a Monarquia, perderam suas posições políticas. Sob o poder o capitão Antônio Vieira de Torres Bandeira, auxiliado por todos os propagandistas republicanos Locais: Manoel Firmo de Medeiros, João Leite Ferreira Primo, Lindolfo Vicente Leite, Antônio Justino de Oliveira e o Dr. Enéas Pedro de Sousa. [...] por ato da Junta Governativa, foram nomeados para o conselho: João Leite Ferreira Primo (presidente), Álvaro José Ferreira, Manoel Firmino de Medeiros. Estes dois últimos foram depois substituídos por José Inocêncio de Castro Nóbrega e José Trigueiro Castelo Branco. João Leite Primo, sertanejo inteligente e maneiroso, sempre foi do partido liberal antigo, ligado a Paula Primo, de Piancó. [...] na Constituinte seguinte distinguiu-se como candidato Venâncio, em Pombal, Abdon Dantas de Assis. Surgem, então, aqui, os “alvaristas” e “venancistas”, sendo que este último também se chamava partido Autonomista, em oposição ao governo ditatorial de Floriano, o Marechal de Ferro. [...] na administração do coronel João Leite, fizeram parte do conselho, os membros: Argemiro Liberato de Alencar e Manoel Dantas Filho[...] governava ainda o Estado da Paraíba o Dr. Álvaro, tendo sido eleito, nessa mesma época, para o Senado, o monsenhor Walfredo Leal[...] Era, então o coronel João Leite o chefe incontestável do município de Pombal, que governou por vários e longos anos, podendo calcula-se em mais de anos de serviços públicos prestados à terra pombalense [...] Enquanto a política do Piancó dominou o Estado, exerceu João Leite seu poderio na cidade de Pombal. [...] Convém assinalar que foi o coronel João Leite o primeiro prefeito nomeado, com esse título, para o município de Pombal e, para o cargo de sub prefeito o tenente Aurélio Cavalcante de Almeida. [...] Nomeados, depois, foram o tenente Álvaro José Ferreira e Antônio Machado de Medeiros para os cargos de conselheiros. [...] Em 1915, assumiu a prefeitura Municipal, o sr Antônio Ferreira Lima [...] que obedecia aqui à orientação partidária do Dr. Queiroga. Foi nomeado seu secretário o sr. João Ferreira dos Santos. [...] a corrente que aqui em Pombal apoiava Antônio Ferreira afirmava que este detinha a maioria do eleitorado do município, ao passo que a outra afirmava o contrário, dizendo ser o Dr. Queiroga o detentor da maioria. Diante desta difícil conjuntura, determinou o Dr. Epitácio que ambos os Contendores disputassem as eleições de conselheiros municipais. Venceu o Dr. Queiroga, começando a partir daquela data o seu tirocínio Político. [...] ao deixa a prefeitura, em 14 de janeiro de 1917, o sr. Antônio Ferreira Lima apresentou minucioso relatório de suas atividades como Prefeito Municipal de Pombal. [...] segue-se na Prefeitura o coronel João Ferreira Queiroga, ligado politicamente e por laços de parentesco, ao Dr. José Ferreira de Queiroga. [...]Na administração do coronel Francisco Dantas de Assis, muito ganhou o

município quanto a cultura da lavoura [...] em 1927, é nomeado o sr. Francisco de Sá Cavalcante para governar o município de Pombal [...] em 4 de março de 1929, assume a Prefeitura o sr. Elias Camilo de Sousa [...] o major Vicente de Paula Leite, o qual foi logo substituído pelo Presidente do Conselho, o sr. Avelino de Queiroga Cavalcante. [...] Logo em seguida, rebenta a Revolução de 1930. (2004, p. 309-317).

Analisando a citação, devemos perceber a forma como o autor apresenta o período republicano no município de Pombal (PB), no primeiro momento, vemos esta questão já no título do capítulo “aboliconismo e república: os administradores, de 1889 ao movimento revolucionário de 1930”, (SEIXAS, 2004, p. 309), é notório perceber a narrativa proposta pelo autor, que por sua vez apresenta os acontecimentos anteriores ao período republicano como consequência para o novo regime de governo, no segundo momento, seguindo o modelo da historiografia tradicional, o autor faz um estudo sobre a história política da cidade na qual o norteamento de sua pesquisa se dá pela ascensão de chefes políticos na administração do município.

Como podemos perceber na transcrição, é perceptível a forma na qual Seixas prioriza os grandes personagens daquele período, o autor busca uma investigação de caráter microscópico acerca dos anos iniciais do novo regime, através de uma narrativa pautada em sucessivos fatos acontecidos buscando reproduzi-los do modo mais fiel possível, temos aquilo que os franceses denominam *histoire événementielle*⁹. Vale ressaltar que o livro possui na sua íntegra mais quatrocentas e sessenta (460) páginas, porém, o autor anuncia o período em apenas oito laudas e meia, um fator bem comum pois, isso são construções baseadas na necessidade de um agente norteador em meio ao fato, havia a necessidade de nomear alguém para reforçar o fato. O estado da Paraíba tem sua história marcada pelo desbravamento e pela interiorização dos colonos portugueses que naquelas terras adentraram com um intuito de descobrirem riquezas e de desenvolver vilas e povoados para o melhor fluxo das mercadorias encontradas no interior do país.

Além disso, a escrita de Seixas dá continuidade a uma narrativa de caráter diplomático, juntamente com o conceito de tempo que a acompanhava: o tempo dos eventos, aquele que dá ênfase aos acontecimentos sobre a República, a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes

⁹ Segundo Peter Burke, **História episódica (événementielle)**: Um termo depreciativo para a história dos acontecimentos, lançado por Braudel no prefácio de seu *Mediterrâneo*, mas utilizado anteriormente, por Paul Lacombe, em 1915

feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. O contexto social a qual Seixas estava inserido autor utiliza das fontes “ditas oficiais” para apresentava a República paradigma tradicional, a história diz respeito essencialmente à política.

Percebemos assim que, Seixas não se difere de outros historiadores, pelo contrário, a República estudada por ele segue exatamente um padrão da historiografia tradicional, uma história de caráter factual, que prioriza acima de tudo, os grandes nomes, e seus grandes feitos, muito utilizado na época, e ainda hoje, prevalece nos manuais didáticos de ensino de história.

A historiografia de caráter tradicional, não é utilizada apenas no século que passou, ainda hoje ela é usada. O texto resultado de uma palestra quando dos 500 anos do Brasil, ocorrida no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), na roda de debate com o tema “a Paraíba na primeira república” o membro e presidente Luiz Hugo Guimarães faz a seguinte narrativa:

O Império Brasileiro estava completando 67 anos quando foi atropelado por uma nova forma de governo. Nesse longo período imperial aconteceram lentas modificações políticas por conta das traumáticas sucessões e das alternâncias dos Gabinetes Ministeriais, ora conservadores, ora liberais. / Muitas questões alimentaram as crises imperiais, dentre elas o problema da escravatura, a ingerência da aristocracia, o aparecimento de novas oligarquias, a urbanização, o começo da industrialização e do trabalho livre. (...) Que era preciso mudar o regime, a elite intelectual da época bem o sabia. Foi preciso cooptar os militares para que o assunto tivesse vez. Com a divulgação das idéias republicanas foi possível conquistar o apoio de algumas camadas da classe média, ainda muito rarefeita. / Quando se uniram definitivamente militares e republicanos, a queda do regime era inevitável. Faltava o motivo, o qual surgiu com a formação do Gabinete Ouro Preto, hostil ao Exército. / O famoso baile na Ilha Fiscal oferecido à oficialidade do couraçado chileno “Almirante Cochrane”, demonstrativo da frivolidade da monarquia, também serviu para o desencadeamento do movimento. / José Manoel Pereira Pacheco, sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, em 24 de fevereiro de 1906, fez uma conferência neste Instituto, onde revela que o velho Ferreira Vianna assistiu aos festejos de uma janela defronte do salão daquele baile, exclamando a frase que se tornou histórica: *estou assistindo daqui as exéquias da monarquia*. (...) As lideranças civis e militares buscaram o Marechal Deodoro da Fonseca[...] Está claro que a Proclamação da República foi um golpe, sem a

participação popular. A surpresa da proclamação alcançou a velha monarquia e os brasileiros, de modo geral. O que houve foi a implantação dum governo provisório, Deodoro à frente, na manhã de 15 de novembro de 1889, com o reforço da proclamação “pela Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, da existência de uma nova forma de Governo do Brasil (o grifo é nosso), a República.” / Teve destaque no movimento a atuação dos militares Benjamin Constant, considerado o ideólogo e principal articulador do movimento, major Francisco Sólton Sampaio Ribeiro, Floriano Peixoto, general José de Almeida Barreto (paraibano de Sousa). Entre os civis, destacaram-se Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa, Francisco Glicério, Maciel Pinheiro, Silva Jardim, Coelho Lisboa, Aristides Lobo, Manoel Marques da Silva Acauã (estes cinco últimos eram paraibanos) e outros mais. (informação verbal)¹⁰

Percebemos na fala do historiador Luiz Hugo uma necessidade, por parte de muitos estudiosos, de fazer uso dessa narrativa factual, tornando como quase obrigatório na academia um discurso repleto de sequências de episódios datados.

2.2 NOVA HISTÓRIA SOCIAL E UMA NOVA HISTORIOGRAFIA SOBE A REPÚBLICA.

Uma nova história surge problematizando os fatos narrados por esses autores acima apresentado. Para tanto, escolhemos como exemplo de estudo sobre os bastidores da história da recém República autores que se debruçaram sobre essa nova forma uma nova forma de compreender a história com estes o estudo acerca do período republicano ganha uma infinidade de possibilidades e formas de se fazer história, podemos estudá-la pelo viés social, cultural, movimentos sociais, sensibilidades, enfim, um leque de caminhos.

Os trabalhos de José Murilo de Carvalho (1987, 1990) e de Renato Lessa 1987, 2001. Em *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi* (1987) que reflete sobre a importância da República não só para aqueles das casas grandes, sobrados e palacetes das capitais, mas, para o povo este que foi profundamente prejudicado com um sistema de exclusão dos pobres e privilégios das elites, discutindo o processo de

¹⁰ Fala proferida pelo presidente do Luiz Hugo Guimarães Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP)

construção da cidadania republicana, destacando o divórcio que a república promoveu entre a sociedade civil e a sociedade política.

Analisando os diferentes modelos de cidadania em disputa no período de implantação do novo regime (o positivista, o radical e o liberal), o autor mostra que o modelo vitorioso representou a exclusão da participação política formal de grande parte da sociedade brasileira à época, uma vez que foram fixados os critérios de nacionalidade, idade e alfabetização para qualificação dos eleitores (Carvalho 1987, p. 65). Seu trabalho proporciona ricos elementos para a compreensão tanto das práticas oligárquicas que visavam a impedir a extensão da cidadania a contingentes mais amplos da população brasileira quanto do exercício de cidadania informal observado no período.

Analisando o período republicano pela disputa de poder destacamos o trabalho de Renato Lessa, *A invenção republicana*, investiga a implantação da ordem política republicana, concentrando sua atenção na análise da “infância” da república brasileira e do papel da *política dos governadores* como fator de estabilidade da ordem oligárquica. Reproduzindo em outras palavras a sua ideia, para o autor, o pacto criado procurou solucionar três problemas que a Constituição de 1891 não havia resolvido: o das relações entre os Poderes Executivo e Legislativo, o das relações entre governo central e governos regionais e a questão do recrutamento político.¹¹

Com a fórmula adotada, o Executivo federal passou a sustentar os grupos dominantes nos estados, enquanto estes, em troca, apoiavam a política do presidente da República, votando no Congresso com o governo. Esse acordo entre a União e os estados, segundo Lessa, diminuiu as hostilidades existentes entre Executivo e Legislativo pelo controle da escolha dos deputados, ao mesmo tempo que confinou os conflitos entre as oligarquias à esfera regional. É importante ressaltar que a tese de Lessa é a de que, a partir da *política dos governadores*, houve um congelamento dos conflitos políticos, restringindo a alternância dos grupos ao poder (Lessa, 1987, p. 109).

Diante desses novos estudos, percebemos que a República não trouxe imediatas rupturas do cotidiano dos indivíduos pobres e de suas vidas privadas, ao contrário agravou

¹¹ Sobre essa ideia ver LESSA, Renato, *A invenção republicana*, São Paulo. Vértice, 1989.

a situação. Os rumos politíqueiros da entrada no ambiente de poder do novo regime pois continuou o mesmo após o desfile da programação da República.

As mudanças foram paulatinamente construindo-se e mais uma vez na historiografia elas são facilmente apontadas, a exemplo, da separação igreja e estado, fim do poder moderador, instituição do casamento civil, a figura do presidente da República e a imagem de uma república que nascia velha.

Pensando a questão do novo regime em termos nacionais e suas implicações em nível local, vemos que a persona republicana era jovial, mas seu ser e entranhas eram tão velhas quanto o imperador nas charges dos jornais no fim do império. A República traz consigo a proeminente relevância de alguns sujeitos políticos locais e suas famílias, ou seja, oligarquias nos interiores junto com a figura dos coronéis.

Segundo Fortunado:

O primeiro ponto a considerar é que, de forma quase consensual, os intelectuais das três primeiras décadas do século XX consideravam que o federalismo, o presidencialismo e a ampliação do sistema representativo, os três grandes eixos da Primeira República, serviram apenas como alibi para justificar as desigualdades sociais e organizar o poder de acordo com os interesses privado das oligarquias, sob a máscara da democracia (2008, p.73).

De acordo com essa assertiva a República “velha” era permeada por discursos e máscaras que travestia de tempos modernos e de progresso o novo sistema de governo que dicotomicamente e previsivelmente era aliada e mantedora daquilo mais arcaico tinha no nordeste e no Brasil (pobreza, revoltas, mandatários etc.) dessa maneira entre dois mundos moderno e arcaico iam chegando as novidades e simulacros da modernidade em Pombal nas primeiras décadas, pois gênese republicana surge símbolos do progresso na cidade e tudo em meados da década de 1930.

Saindo do contexto macro para o recorte e espaço do nosso trabalho, ou seja, voltando os olhares para a cidade de Pombal, destaca-se que de acordo com jornais e obras historiográficas locais (fruto da sua temporalidade e importantes na sua dimensão positivista de fazer e escrever história) tensões entre as famílias de prestígio social na cidade. Deste modo vemos que nos livros historiográficos, fontes como jornais e atas das assembleias desse período delimitaram as visíveis tensões entre os políticos da urbe uma

vez que as peças do xadrez estavam apavoradas em ocuparem suas posições no tabuleiro da política emergente.

Nesse sentido, o capítulo procurou mostrar por um viés e fundamentação teórica da história social e cultural os anúncios dessa Maria fumaça que foi a República lidando com algumas das interpretações dos caminhos trilhados no antes e pós proclamação, como foi perdurando esses ideais nas primeiras décadas da República brasileira e como apareceram na historiografia local e nacional.

CAPÍTULO III

A REPÚBLICA CHEGA NA CIDADE DE POMBAL PELAS VIAS ADMINISTRATIVAS: DESLOCAMENTOS DE CADEIRAS E INÍCIO DE UMA POSSÍVEL MODERNIDADE

Como já apontamos no capítulo anterior, a chegada da República foi no Brasil algo arquitetado junto com lideranças do partido republicano, militares e setores da economia como os latifundiários, especialmente do café, os quais visualizaram para si de imediato alguns campos de possibilidades de atuações e espaços políticos nesse novo contexto.¹²

Desta forma, o novo regime traz consigo outros discursos em torno do cenário sociopolítico vigente e novas configurações ou possibilidade do fazer política. Neste capítulo tentaremos perceber a presença inicial da República na pequena urbe de Pombal – PB.

No cenário do recorte espaço, Pombal e temporal 1890 a 1930 desse trabalho, a República chega a cidade pelos caminhos e meios costumeiros do interior deste Brasil, frutos dos anseios políticos locais em que os personagens em disputa pelo poder da região continuaram as mesmas figuras em um espaço de atuação dito e vislumbrado como diferente.

Por sua vez, estes apoiadores e fundadores da República entre eles os militares, que subiram de imediato ao poder, originaram o primeiro momento denominado na historiografia clássica como a “República das Espadas”. Esse emergente ideário de país era importante para a maior parte dos grandes cafeicultores descontentes com fim da escravatura e dessa maneira seriam mais favorecidos por esse novo projeto político em que lideranças partidárias ganhariam certo protagonismo. O aspecto talvez mais importante que ganha visibilidade na historiografia desse momento era o fim do sistema escravagista vigente no império. Essa era a questão que já se espalhava por todo o país inclusive na cidade de Pombal, que detinha alguns defensores do movimento abolicionista

¹² Sobre a proclamação ver trabalhos de COSTA, Emília Viotti da. **A proclamação da república**. In: . Da monarquia a república: momentos decisivos. 6. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1999. cap. 11, p. 447-490.

e conseqüentemente de alguns idealizadores da república, pois para Seixas (2004) esses dois movimentos políticos tinham em comum alguns adeptos de ambas correntes políticas.

Dessa maneira, o abolicionismo e o movimento republicano na visão de Seixas eram fomentados demasiadamente em Pombal, em suas palavras menciona que: “Após o movimento do abolicionismo – que aqui em Pombal teve certamente seus precursores como consta de dezenas de cartas de alforria e liberdade que encontrei nos livros do juízo deste cartório – desenrola-se em Pombal a companha republicana” (SEIXAS, 2004, p. 309). Ou seja, o autor anuncia que havia preconizadores da República em Pombal.

Tratava-se do estabelecimento de uma nova organização político-administrativa, obediente aos princípios do federalismo. A República instalou-se assim, sob o signo da autonomia das províncias, que na realidade, significava a autonomia das frações da classe dominante e neste cenário recentemente criado, a esfera municipal ganhou força para gerir, com significativa autonomia nos termos da lei, os seus próprios negócios¹³.

Todavia, percebemos que o regime republicano não se instala de imediato no Brasil, o país não se configura República no dia 15 de novembro de 1889 deixando para trás toda uma estrutura política-administrativa da monarquia, muitos foram os passos dados para a sua consolidação, e nessa caminhada, o setor político-administrativo foi o responsável para a sua concretização, por exemplo, os inúmeros decretos promulgados depois da proclamação foram responsáveis para se estrutura o regime e organizar o país. Deste modo podemos perceber que a República se dá pelos tramites administrativo em tempos e lugares distintos.

3.1 DE CÂMARA A INTENDÊNCIA MUNICIPAL: PRIMEIRO ATO QUE OFICIALIZOU A REPÚBLICA NA CIDADE DE POMBAL.

*Católicos de Pombal
Já não querem mais rezar...
Rua acima, rua abaixo,
Prometendo de açoitar!*

¹³ Esse princípio de autonomia municipal estava presente na Constituição Federal de 1891, que em seu Título III, Art. 68, estabeleceu que “Os Estados organizar-se-ão de forma que fique assegurada a autonomia dos Municípios em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse.”

*Ah! amor, amor!
Por vida minha
Viva o sítio da Trincheira
Malta e Carnaubinha...*

Este trecho, retirado do livro *o Velho Arraial de Piranhas* (2004), mostra as palavras de ordens, proferidas pela oposição ao novo regime de governo que estava sendo implantado na cidade de Pombal (PB). No decorrer do capítulo analisaremos um pouco mais sobre estes personagens opositores.

As câmaras municipais têm um papel fundamental enquanto instituição administrativa, elas foram responsáveis pela manutenção da ordem e pela administração financeira das terras lusas, espalhadas por um vasto império. A Câmara Municipal constituía, pois, parte do aparelho administrativo do Império Lusitano transplantado para o Brasil com o intuito de garantir a boa administração das vilas que eram fundadas.

Com a implantação do novo regime de governo, estas por sua vez eram consideradas decadentes, guardando, nos discursos dos republicanos, os vícios de corrupção e ineficiência típicos do regime monárquico, as Câmaras Municipais, governadas pelos *homens bons* leais ao Império, não poderiam ter mais espaço no regime recentemente implantado. Diante deste argumento, as Câmaras Municipais foram extintas em todo o país. Em decreto de lei nº 50 de 07 de dezembro de 1889¹⁴. Em seu lugar instituiu-se o Conselho de Intendência Municipal

De acordo com o parágrafo V, do referido decreto, esse órgão tinha o atributo de “ordenar e fazer executar todas as obras do município e prover sobretudo quanto diz respeito à política administrativa e economia do município e seu termo, assim como sobre a tranquilidade, segurança, comodidade e saúde de todos os seus habitantes.” (BRASIL, 1889).

Durante o Regime Imperial, o poder executivo das cidades estava representado pelo presidente do Conselho Municipal, conhecido atualmente por Câmara Municipal. Com a Proclamação da República, em 1889, esse poder executivo foi renomeado e passou

¹⁴ Vê decreto site < <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-1/decretos1/anteriores-a-1960-decretos>> acessado 02 de maio 2021.

a ser exercido pelo presidente de Intendência. Seguidamente, o poder municipal passou ao controle do conselho de Intendência.

Podemos perceber esse fato na cidade de Pombal, segundo a ata,

Seção extraordinária em 17 de fevereiro de 1890 aos quinze dias do mês de fevereiro de mil oito centos e noventa, paço da câmara Municipal desta cidade de Pombal, reunirão pelas dez horas da manhã o Presidente da mesma camara o cidadão Joaquim Jose Asis e os membros João Batista de Arruda, João José de Sant' Anna, João Martins Pereira, Candito Ferreira dos Santos a quelle (fl2) isto é o Presidente tomou assento no toupou da mēsa a chando-me eu secretário ao seu lado esquerdos e os ditos Veriadorres assentados aos lados da mesma mesa sem distincção e sem precedência e em seguida o Presidente declarou aberta a secção. / Em acto continuado o dito Presidente declarou que havia convocado a presente secção extraordinária não só para da testemunho de respeito e o bedinecia ao Acto do Cidadão Doutor Venancio Neiva Governador deste estado da Parahyba pelo qual foi dessolvida esta mesma Camara Municipal como se via de seu officio sob numero quatro centos sessenta e três de trinta e um de Janeiro proximo passo do appresentado e lido por mim Secretario, como tambem para possar o exercicio das respectivas funcções aos Cidadãos João Dantas de Assis Enéias Pedro de Souza e Antonio Ferreira Lima nomeados e grandes intendentes deste Município que presente se acharam. O que posto a votos unanimemente decidido que assim se fizesse e se cumprisse. Depois disso o mesmo Presidente que considerando conveniente declarava aos cidadão Entretanto existirem um Secretario, Benedito Cavalcante de Torres Bandeira um Procurador João Ignacio Cardozo Darão um fiscal, Joaquim José da Costa e um porteiro Florencio Placido Pereira e que em virtude de suas funcções legaes a dita Camara Municipal havia no dia vinte e tres de Janeiro proximo passado posto em arrematação diversos impostos municipaes que foram arrematados pelos cidadãos Antonio Vieira de Torres Bandeira, José Virgulino Urtiga, José Róques da Silva, Francisco Dantas d' Assis Antonio da Costa Barboza, como tudo consta da respectiva Acta porem que por officio do cidadão Governador de numero cento e trinta e does de dezeseis de Janeiro mil oito centos e noventa, estavam sem effeito as arrematações da quelles impostos, para serem cobrados administrativamente, uma ves que ainda não estavam approvados; (?) que, por ordem do mesmo Governador deveria ser restituídos aos arrematantes as quantias recebidas. Alem disto o mesmo Presidente determinou que fosse entregue o Archivo existente com todos os seu seus pertence e tudo mais quanto houvesse aos Cidadãos Intendentes e terminou por convidal-os a tomar os seus devidos assentos o que fizeram ficando assim consumada a extincção da Camara Municipal. O que para constar mandou o

Presidente lavrar a presente acta que vai assignada pelo mesmo Presidente e os Veriadores Intendentes impossado. Eu Benedito Cavalcante de Torres Bandeira secretario escrevi. / Joaquim José D'Assis / João Baptista de Arruda / Candido Ferreira Ferreira dos Santos / João Martins Pereira / João jose di Santa Anna / João Dantas de Assis / Antonio Ferreira Lima / Eneas Pedro de Souza. (POMBAL, câmara municipal, 1890)

A citação exposta acima é uma ata da câmara municipal de Pombal (PB), datada do dia dezessete de fevereiro de mil oitocentos e noventa (17/02/1890), podemos dizer que a mesma, foi o primeiro documento elaborado pela câmara municipal no período republicano. Desta maneira, como podemos perceber o documento traz em seu teor a extinção da câmara municipal, ação essa que seu através de um ofício enviado pelo Governador da Paraíba Venâncio Neiva¹⁵, sendo por tanto o documento o primeiro ato oficializador do regime no município.

Contudo, nesse primeiro momento no que se refere a administração local, segundo a pesquisa, não ocorreu modificação. Como podemos observar no documento, o senhor João Dantas de Assis é nomeado como presidente do concelho de intendência dando continuidade à família dos “Assis” que governava a cidade desde o período monárquico.

Nomeado pelo presidente Floriano Peixoto em 1892, sobe ao poder na Paraíba o engenheiro militar Dr Álvaro Lopes Machado, por sua vez, essas mudanças que “desenrolou-se” nas esferas de administração e poder no estado foi também refletida nos anseios locais como exemplo dessa transformação sociopolítica foi à “troca” do controle do poder local das mãos dos "Assis" que era o grupo familiar responsável pela administração da cidade nos moldes da monarquia que foram substituídos com ascensão do capitão Antônio de Torres de Bandeira, republicano apoiado por setores liberais, abolicionistas e republicanos ou /e “propagandistas” dessa ideia na cidade Pomba PB.

Esses representantes eram indicados por votos do consenso partidário, pessoas geralmente surgidas das famílias mais tradicionais da cidade ou de destaque na comunidade, durando essas representações um ano. Já os influentes chefes políticos do tempo “quero, posso, mando”, tinham forte domínio nos destinos da política Municipal, permaneciam por anos seguidos no cargo, sendo os mais marcantes, a partir do século XVIII ao começo do século XX (...)

¹⁵ Segundo a historiografia tradicional foi o primeiro Governador da Paraíba no Brasil republicano

Em Pombal, a Junta governativa teve dificuldades de tomar posse, uma vez que, recusaram a família Assis a entregar as chaves da Casa da Câmara, sendo necessário quebrarem a porta (SOUSA, 1999).

Segundo Seixas essas mudanças sucederam-se da seguinte maneira: “por sua vez, muda a política de Pombal. Os "Assis", família na qual detinha um poder local que governava o município deste o período monárquico, perderam suas posições políticas.

Percebe-se na citação do estudioso da história de Pombal que as conjunturas se modificaram exemplificando a sua narrativa através da justificativa apresentada de que retirou tais constatações das primeiras atas, jornais entre outras fontes, mas mesmo diante desses sujeitos e mudanças o historiógrafo não especifica quais tensões ficaram pós-substituição do poderio local e real ajuda desses ditos propagandistas republicanos.

É importante frisar que essa modificação da administração política pombalense nessas primeiras décadas do período republicano foi demarcada por personagens políticos aliados a perspectiva republicana, sujeitos que eram liberais, abolicionistas e "propagandistas" ou militantes da ideia republicana. Essa transição política de projeto de governabilidade e diálogo com as perspectivas republicanas criou tensões entre monarquistas e republicanos, aliás entre "Assis" e os aliados do capitão Antônio de Bandeira, ou seja, essa pseud. dicotomia ganhava contornos próprios na localidade e disputas internas sem que esses fossem necessariamente novos sujeitos da política.

Dessa situação os conflitos foram latentes o clima tenso na cidade foi resultando em episódios que diz muito do clima político momentâneo. Um desses fatos históricos e muito presente na historiografia foi à recusa da oposição de entregar a “chave do conselho” aos novos mandatários locais. E logo em seguida ocorre a passeata na cidade de Pombal ao qual tinha o intuito de demarcar a oposição a essa nova conjectura vigente na urbe.

Segundo Seixas:

(...)No ato de posse, os Assis não quiseram entregam a chave do conselho. Quebraram a porta os elementos do partido contrário (os antigos liberais) e fizeram em seguida uma passeata pelas ruas cantando: “Católico de Pombal / já não querem mais rezar / Rua acima, rua a baixo / Prometendo de

açoiar / Ah! amor, amor / Por vida minha / Viva o sítio da Trincheira / Malta e Carnaubinha” (2004, p. 311)

Acima reproduzimos a canção que fez parte desse momento de tensão e enfretamento quando da entrega da chave e a passeata foram episódios visíveis e historicamente registrados, no entanto, deve ter um contexto interno, ou seja, nos bastidores entre esses políticos fervorosos, como uma batalha e a perda de espaço no cenário político local incomodava tanto que desencadeou esses episódios relatados por Seixas. Nota-se que na canção entoada na passeata tem uma carga simbólica importante, pois coloca nos “católicos”, ou seja, na igreja e seus fies um papel importante nessa oposição à república.

De acordo com as colocações do autor, constatamos que a política pombalense, durante muitos anos, foi regida por políticos nomeados para os cargos, pessoas essas que eram selecionadas das famílias tradicionais e que permaneciam no poder por vários anos e, mesmo diante das mudanças implantadas nas formas de governo, pretendiam permanecer no poder a todo custo. Mediante essas circunstâncias, os pombalenses, durante muitos anos, vivenciaram uma política subordinada aos mandos locais, tendo como consequência a estagnação no desenvolvimento do município.

Nas primeiras décadas pós-proclamação da república brasileira, mas especificamente de 1889 a 1930 o cenário político muda bastante iniciando basicamente por modelos ou projetos sociopolíticos para vestir a essa nova persona brasileira.

Lessa afirma que:

A República foi proclamada em 1889, e até 1899, como sabemos, a possibilidade de sobrevivência do regime era muito incerta. Ninguém poderia dizer que a República estava consolidada em 1895 ou 1896. Havia muitas dúvidas: não se sabia de que república se estava falando. Depois disso, entre 1898 e 1902, com o governo do Presidente Campos Sales, quarto Presidente da República, na linha que começa com Deodoro, e segundo Presidente civil da República, algumas rotinas institucionais e políticas, sobretudo rotinas informais — que não são constitucionais —, foram inventadas e duraram no País até 1930.

É em meio a este contexto político conturbado que a recém-nascida República foi ganhando de acordo com estudos dos historiadores desse momento as nomenclaturas distintas que denota em si o leque de vestes e contornos que iria adquirir nessas primeiras décadas dentro da historiografia brasileira.

Nas primeiras décadas grupos políticos locais eram representados pelas grandes famílias de latifundiários surge um protagonismo maior das “oligarquias”, segundo Faoro (1985) em que a autoridade está nas mãos de poucos, um governo baseado na estrutura familiar patriarcal lidera pela imagem do coronel. Em Pombal a figura de coronel foi desenhada no início da república como diz Seixas.

Os tempos passavam. Era então, o coronel João Leite o chefe do município de Pombal que governava por vários e longos anos, podendo calcular-se em mais de 24 anos de serviços públicos prestados a terra pombalense. Enquanto dominou a política de Pombal dominou o Estado, exerceu João Leite seu poderio na cidade de Pombal (2004, p. 312).

O coronel João Leite foi “incontestável” chefe político de Pombal por 24 anos, um período demasiado significativo e demonstrativo do poderio dos coronéis nos interiores. Compreendemos o jogo político de íntimas relações de interesse com a elite local e regional.

Dessa forma as peças antigas desse tabuleiro foram avançando no jogo político local. Um fenômeno não específico de Pombal na Paraíba, mas comum no interior e assim as primeiras eleições como reflexo foi demasiadamente influenciada senão definidas pelos coronéis e todo seu poder local que faziam parte dessa “oligarquia” vigente.

O coronel João Leite foi “incontestável” mandatário local, no entanto, é relevante compreender essa figura do coronel e envolvimento na política na época da república nas esferas estaduais e até federais de forma, mas incisivamente relacionada nessas primeiras décadas.

Dessa forma, conceito de coronel ou do coronelismo é bastante discutido entre os historiadores entre eles a pesquisadora Fortunado que menciona essa questão do significado dessa tipologia de poderio local:

A construção do conceito de coronelismo na literatura especializada é bastante complexa. Considerando que o

conceito de coronelismo continua sendo utilizado, investigaremos as abordagens de alguns estudiosos do poder local, a fim de aprendemos como nos seus discursos tem sido tematizada a relação entre “poder” e “Estado”, e a utilização que faziam do enunciado do “coronelismo” ou “mandonismo” ao longo da História do “Brasil República” (FORTUNATO, 200, p.17).

Portanto, para a historiadora o conceito apesar de ser plural e cada historiador buscar defender uma definição própria ou frisa alguns aspectos em demasia, mas o essencial é que o fenômeno era tão rico, forte, estrutural e plural quando as diversas formas de definir o coronelismo.

A autora Wandeley (2009) reforça os nossos argumentos quando aborda acerca da política em Pombal nos anos por ela estudado, a mesma fala que o cenário político pombalense foi marcado por práticas de violência, como: surras, tocais e até assassinatos, que causou grande medo nas pessoas que temiam falar no assunto, mesmo depois de anos e também se caracterizava pelo mandonismo, no qual os chefes políticos lutavam apenas por interesses particulares sem se preocuparem com o desenvolvimento da cidade. De forma que a troca de favores, típica da República Velha e característica do coronelismo, foi reinventado sobre a sigla da democracia.

Destacamos ainda que, aliados aos problemas correlacionados às secas e à política coronelista presentes no município de Pombal, havia a presença marcante dos cangaceiros que viviam aterrorizando a população pombalense.¹⁶

Quanto a essa realidade, Seixas (2004, p. 420) nos oferece a seguinte informação:

É certo que, ao lado do flagelo das secas que tanto pavor e desolação infundem no espírito do nosso povo, existia aqui, também na região de Pombal, outro não menos grave e horripilante: o dos cangaceiros, aptos à prática de crimes, a que eram levados, muitas vezes, por simples capricho ou ambições pessoais, entre os potentados da região.

Nessa perspectiva, podemos observar que havia a ocorrência de conflitos políticos de domínio na região de Pombal entre os coronéis, que queriam a todo custo controlar o campo político administrativo local se instalar permanentemente no poder por vários anos, sempre visando seus próprios interesses sem pensarem nos benefícios públicos.

¹⁶ Ver ARAÚJO NETO, José Tavares de; SOUSA, Verneck Abrantes de. A Cadeia Velha de Pombal: manifesto em defesa do patrimônio histórico. 1. Ed. Pombal: Gráfica Andyara, 2004 A

Vinculado a esses conflitos de ordem política, havia um contexto de grandes rivalidades sociais, como é o caso dos grupos de cangaceiros, que assolou tanto no município de Pombal, quanto outros pontos da região sertaneja paraibana. Muitas vezes, agiam a mando dos coronéis, provocando nos seus habitantes um período de grande medo e terror.

Percebe-se também em suas palavras o descontentamento, conflito e tensões somados a uma nova adaptação novos protagonistas vigentes. O embate entre os "Assis" e os "republicanos ou liberais" da cidade, foi importante na conjuntura para separar e demonstrar a rivalidade entre projetos, lideranças e o rumo que a cidade a partir de então iria conviver. A chegada da república em pombal trouxe mudanças políticas e deixou latentes conflitos e oposições entre os políticos locais.

3.2 AS PRIMEIRAS DÉCADAS DA REPÚBLICA: SIGNOS DE UMA POSSÍVEL MODERNIDADE EM POMBAL

O período de 1890 para o qual voltamos nossa pesquisa recebe na historiografia nacional a denominação de *Belle Époque*. O termo, originário da língua francesa, designa um momento em que ocidente foi marcado por um profundo otimismo quanto ao seu futuro. No Brasil esse cenário foi marcado por uma política modernizadora. Fruto do ideário republicano de se abandonar as características monárquicas que ainda prevalecia no país. Essa modernidade se dá principalmente no setor urbanístico: nos transportes, na iluminação, nas grandes avenidas e etc.

Neste sentido, experimentamos no final do século XIX e início do XX o surgimento de ideais modernizadores no país. intelectuais e políticos da época, em detrimento a um modelo autoritário de governo, a monarquia de Pedro II, se colocam a pregar a instauração de um regime republicano, racional, pautado em ideais positivistas, muito presentes nos discursos modernizadores. Se propõe em construir o novo e destruir o antigo. Com a proclamação da república, colocam-se em prática as reformas do que era compreendido como o antigo em busca do novo, da ordem e progresso. Assim, busca-se alcançar a modernidade reformulando o lugar onde moram os cidadãos, a cidade.

Deste modo podemos perceber que a República trouxe para as cidades interioranas não só as disputas pelo poder local, mas junto a ela veio um discurso modernizador repleto de signos desta modernidade, que até então, estava centrada apenas nas grandes metrópoles.

As reformas urbanas em cidades brasileiras, que nas décadas de 1920-1930 se robusteceram, já tinham uma certa tradição. Desde a segunda metade do século XIX, algumas capitais do Norte e cidades de todo o Brasil vinha experimentando pequenas mudanças estéticas e higiênicas-sanitárias, especialmente em ruas e áreas centrais. Essas experiências se inspiravam na medicina social e foram articuladas em torno do ideário civilização e progresso, comuns em países como França e Inglaterra. (ARANHA, 2008, p.127)

Nas cidades dos interiores assim como nas capitais observavam esse movimento se aproximando nessas décadas entre 1920 e 1930. Compreendemos a ideia de modernidade na cidade de Pombal (PB), através das conquistas materiais que passam ao imaginário do urbano como símbolos do moderno, coisas do uso coletivo como iluminação pública, transporte ferroviário, etc.

Contudo essa modernidade segundo os estudos de (WANDERLEY, 2010) chega “a passos lentos na cidade, fruto de más administrações, chefes políticos que visavam proveitos e benefícios próprios”. Resultando atraso para a sociedade pombalense em comparação as outras cidades. O ambiente sócio econômico do município de Pombal como também de todo o sertão paraibano, foi marcado pelo cenário de pobreza provocado pelas secas, favorecendo o domínio dos coronéis que passaram a exercer controle e influência sobre as classes sociais menos abastadas, através dos “favores” e dos programas de emergências implantados como medidas para amenizar o contexto de miséria no período das estiagens.

Portanto, não havia na cidade infraestrutura básica, como melhores estradas, meios de transportes, escolaridade, saneamento básico, energia elétrica e, nem mesmo, assistência médica para as pessoas que eram acometidas por enfermidades. Segundo a discussão da autora Wanderley (2010), pudemos ter uma visão analítica de que os problemas enfrentados pelos sertanejos foram decorrentes de uma política que visava os seus próprios interesses, pois as elites oligárquicas se apropriavam dos benefícios enviados pelo governo federal no período das estiagens. Portanto, além das situações de miséria vivenciadas pelos sertanejos nos anos de secas, ainda eram vítimas da exploração, através da mão de obra barata, dos que estavam no poder, ou seja, de uma política ditada pelos mandos locais.

Seixas faz a seguinte colocação:

Até o ano de 1929, não havia médico em Pombal. Quando se precisava de um, mandava-se buscar em Sousa ou Iguatu. A falta desses obreiros da saúde pública se explica o atraso em que andou, por longo tempo, o nosso município, na dependência de outros, onde não faltavam os cuidados de uma assistência médica profissional. Daí explica igualmente a elevação do índice de mortalidade no século passado em nossa cidade, (...). (2004, p.399-400)

Sousa faz um esboço da cidade de Pombal no início do século XX:

(...) era ainda uma pequena cidade, com seis ruas e outras casas isoladas, alto índice de analfabetismo, tendo como principal renda a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva, atrasadas. No entanto, a política partidária era uma constante na vida da população local. Os chefes políticos da época dos “currais eleitorais” estavam sempre atentos para manter-se no poder administrativo Municipal (...). (1999, p. 48)

Diante desse contexto, voltando para os signos do moderno, essas transformações materiais só começaram a surgir no ano de 1927, com a chegada do primeiro motor elétrico movido a óleo diesel.

No que se refere a esta questão Verneck destaca que,

(...)Toda a sociedade pombalense era nivelada por uma iluminação a bico de lamparinas, velas e lampiões. Inicialmente, as luzes foram instaladas apenas nas residências, depois, com hora marcada para acender e apagar, nas vias públicas, em postes de madeira. (...) (1999, p. 61)

A ideia de que as conquistas materiais, que neste caso, a luz elétrica, beneficiaria a todos os habitantes daquela urbe indiscriminadamente, e a explicação para tal construção está possivelmente vinculada aos discursos proferidos pelos membros da elite local, estes os mais beneficiados com aquela maquinaria moderna.

Tentamos em nossa abordagem e conversa com os autores acima mencionados trazer de forma mais pontual a questão de percebermos os signos materiais da modernidade na cidade de Pombal, modernidade essa propaganda pelo novo regime. Nossa pesquisa desde a legalização do regime conforme a ata da sessão acima, apontou que, a modernidade vai chegando diferente de outros centros urbanos, no finalzinho dos anos 1927, enfatizando assim que, na cidade de Pombal no período compreendido de

república velha (1889 -1930), o ideário modernista não se concretiza as vias de fato e com isso podemos dizer, concordando com os autores estudados, que é fruto do modelo de governança , veja que os nomes dos novos agentes políticos tanto na figuras dos “Assis”, quanto na figuras das novas famílias, vão se adequar a chamada política dos coronéis na primeira República.

Assim, chegamos à conclusão deste capítulo e por sua vez, percebemos que a chegada da República na cidade de Pombal (PB), altera a vida social de uma classe dominando “ a elite local” que se via configurada no novo cenário vigente, uma vez que a disputa pelo domínio do poder local estava cada vez mais presente. Tentamos perceber as transformações urbanas através da inserção dos signos materiais da modernidade, fator utilizado pelos republicanos na tentativa de legitimar o regime instaurado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho e entendemos que a muito a ser pesquisado, pois o campo temático história e cidade é muito vasto e possibilita umas inúmeras análises. Também temos ciência das lacunas existente na historiografia por isso, ela está sempre em construção e sujeita a estudo, pois temos a possibilidade de contarmos um fato histórico tal qual como devido a influência do presente, e por isso sempre surgirão novos vestígios que precisarão ser investigados.

A Pesquisa aqui apresentada buscou dentre seus esforços elaborar um texto onde o leitor pudesse acompanhar um pouco sobre a formação da cidade de Pombal e especialmente, entender e perceber algumas transformações na transição da Monarquia para a República. Tentamos entender como se deu a implantação dos signos materiais da modernidade.

Nesse sentido verificamos que, de início a República recém chegada na cidade de Pomba (PB) em pouco altera o seu social, foi observado que as transformações ocorreram paulatinamente e por consequência, esses signos só foram implantados no ano de 1927, logo concluirmos que a cidade de Pombal (PB) no período compreendido pela historiografia de “República Velha” ou seja os as décadas de 1890 a 1930, possuía nos seus meandros fortes aspectos do antigo regime e uma acirrada disputa local que por sua vez possibilitou, de certa forma, o tão sonhado progresso que o regime republicano implantava.

Para se compreender o estudo, dividimos nossa pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado: “Pombal-PB espaço da pesquisa: algumas notas historiográficas” se fez necessário um estudo sobre a formação da cidade de Pombal (PB), no qual apresentamos algumas notas historiografias sobre a formação da cidade em especial através da leitura bibliográfica do livro clássica de referência para este trabalho o *Velho Arraial de Piranhas* de Seixas (2004), através do qual buscamos informa sobre anos de 1890 a 1930 percebendo as transformações sofrida por aquela cidade sertaneja. Nesse estudo vimos que a cidade se torna o primeiro núcleo habitacional, através de uma tradicional processo de aquisição de terras do período colonial que incluiu-o com o extermínio sangrento da população nativa pelas famílias dos Oliveiras Ledos, na figura do Capitão Teodósio de Oliveira Ledo

No segundo capítulo intitulado: “Anúncios da República no Brasil: velhas e novas interpretações na historiografia” Mostramos estudos sobre a temática da República produzidos por membros do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano uma instituição que se configura pela produção de uma historiografia tradicional com abordagens sobre os heróis e feitos nacionais e locais. No campo da nova historiografia situamos trabalhos como os de Murilo de Carvalho e Renato Lessa, a nova interpretação sobre o regime republicano na perspectiva das relações de poder e da chamada nova história política o intuito de percebemos como as duas historiografia aponta o regime republicano.

No terceiro capítulo intitulado: “A República chega na cidade de Pombal pelas vias administrativas: deslocamentos de cadeiras e início de uma possível modernidade”, mostramos a implantação do regime pelos tramites administrativo, através da ata do dia 17 de janeiro de 1890 da sessão da câmara municipal, que oficializou a chegada da República, mostramos que os impactos causadas pela troca do poder local se deram no campo das ideias entre os chamados “liberais republicanos” e os “monarquistas”, a parti do estudo deste sujeitos políticos percebemos a República na cidade não alterou as formas de representação administrativa, já que continuaram os mesmos sujeitos, homens da elite, brancos filhos representantes das chamadas famílias tradicionais por fim, tentamos perceber as transformações ocorridas na cidade pelos signos materiais da modernidade

Para elaboração da pesquisa surgiram algumas dificuldades, a exemplo, da coleta de material, pois a maioria das obras ou documentação sobre a história da cidade de Pombal está concentrada nas mãos de particulares e aliada a isso os livros de atas estão mal conservados, exigindo um trabalho minucioso para o entendimento. Outro aspecto importante de ressaltar é que para este estudo e esse recorte temático não encontramos trabalhos publicados a respeito o que nos instigou ainda mais a torna nosso estudo um ponto inicial. assim constatado nesse estudo é a ausência de trabalhos publicados a respeito do tema, que também consideramos um fator de dificuldade, devido as poucas fontes para pesquisa.

Assim esperamos que esta temática sobre o estudo do regime republicano na cidade de Pombal, ganhe fôlego e que outros pesquisadores lancem novos olhares e novas percepções sobre a mesma, que possam ampliar os horizontes dessa temática, pois é um campo amplo e que ainda há muito a ser pesquisado, pois até então, nenhum historiador

pombalense havia se interessado em estudar. Por isso este trabalho carrega grande relevância para a cidade de Pombal, pois pretende fornecer a historiografia da cidade, como também ao campo acadêmico das novas fontes.

Contudo, faço um apelo as instituições que detém as posses das documentações riquíssimas não só da cidade de Pombal, mas também de toda a região, para que permitam o acesso aos pesquisadores em seus arquivos, e que aja por parte destas instituições uma visão mais delicada em relação a essa documentação, para que se possa fazer uma digitalização e uma catalogação, mais uma vez, esse material não se pode deixar as traças e não se pode cair no esquecimento.

Enfim, as discursões partiram da minha curiosidade pessoal, das minhas angustias e na busca das minhas respostas. Aquelas histórias que ouviam quando crianças foi de suma importância para a realização deste trabalho, o meu lugar social foi o ponto norteado para que essa pesquisa se realizasse.

É com muita estima e um sentimento de dever cumprido que venho a finalizar este trabalho, que por sua vez não acaba aqui. Aos leitores que chegou até aqui espero que tenha respondido a algumas indagações, embora seja difícil, e para aqueles que o anseio de novas perguntas venha a surgir, o convite está aberto, o campo que tentei estudar é muito vasto e sempre requer novos olhares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO NETO, José Tavares de; SOUSA, Verneck Abrantes de. **A Cadeia Velha de Pombal: manifesto em defesa do patrimônio histórico**. 1. ed. Pombal: Gráfica Andyara, 2004.

A paraíba e a primeira república. **Instituto Histórico e Geográfico Paraibano Disponível em:** <http://www.ihgp.net/pb500f.htm#_ftnref2> **Acesso em: 09 de abr. de 2021.**

BERTUCI, Aline Alves. **Nova História: Uma reflexão necessária na prática de ensino e pesquisa**. In: ALMEIDA,

BEZERRA, Alian Maria Ferreira, et. al. **Memorial fotográfico da cidade de Pombal-PB. do Norte do Paraná**. 2014. Disponível em: <<http://www.redem.org/wpcontent/uploads/2014/06/memorial-escrito-1Cociencao1.pdf>> Acessado em: 14 de janeiro de 2021.

BRESCIANNI, Maria Stella M. **História e Historiografia das Cidades em Percursos**. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 3ª ed. São Paulo: Contexto; 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: Ensaios de teoria e método**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder: formação do patronato político**. Rio de Janeiro: Globo, 1989, v. 2.

FERNANDES, Flávio Sátiro. **História constitucional da Paraíba**. 2ª ed. Revista ampl. aumentada. Belo Horizonte: Fórum, 2009.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, "pensador da História" na Primeira República. *Rev. Bras. Hist.* v.23 n.45 São Paulo jul. 2003.

MARTINS, Paulo Henrique N. **O Nordeste e a questão regional: os equívocos do debate**. IN: SILVA, Marcos A. da. (org.). **República em migalhas: história regional e local**. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990, p. 51-66.

MELO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistências**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1999.

MORAES, José Augusto de. **Igreja de N. S. do Rosário de Pombal: uma leitura iconográfica**. Editora Universitária / João Pessoa: 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da Cidade: Visões literárias do Urbano** 2. ed. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2002

PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e notas: história da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, 1977, vols. 2.

SEIXAS, Wilson. **O velho arraial de Piranhas (Pombal)**. 2ª ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

SENADO FEDERAL (Brasil). **Constituições do Brasil: de 1824, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967 e suas alterações**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1986.

SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 7 – 48

———. **A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras; 2001

SILVA, Fábio Ricardo. **As representações da república velha na literatura brasileira e na literatura de cordel**. V colóquio de história perspectivas históricas. 2011.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. **Estrutura de poder na Paraíba**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1999.

SOUSA, Antônio José de. **Apanhados Históricos Geográficos e Genealógicos do Grande Pombal**. Pombal: Gráfica Comercial Ltda; 1971.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de (org). **Cidades e experiências modernas**. Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **Um olhar sobre Pombal antiga (1906 a 1970)**. João Pessoa: A União, 2002.

_____. **A trajetória Política de Pombal**. João Pessoa: Imperial, 1999.

_____. **Nossa história, nossa gente: a cruz da menina de Pombal**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2010.

WANDERLEY, Helmara Gicelli Formiga. **Cotidiano, cultura e lazer em Pombal: contradições do progresso (1927-1959)**. Dissertação (Mestrado em História). Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2009.

ANEXOS

João Baptista de Almeida José
 João José de Pombal, João
 Baptista Pereira, Cândido Ferreira
 do Couto, deitando de escrupulo e
 andamais deia deia por causa de
 decaída e pelo Presidente fez o he-
 to a decaída e como nada houve e
 a deliberação levantou o mesmo Pre-
 sidente a decaída para o dia seguinte
 te a mesma e horas e para as outras
 horas a presente decaída e decaída.
 Eu Benedicto Leal e o outro de decaída, Ben-
 dita Secretário e os outros
 Joaquim José de Pombal
 Presidente
 João Baptista de Almeida
 Cândido Pereira do Couto
 João Mathias Pereira
 João José de Pombal

Sessão extraordinária em 11 de Feve-
 reiro de 1890.

Aos quinze dias do mês de Fevereiro
 de mil e oitenta e noventa, na Sala
 da Câmara Municipal desta Cida-
 de de Pombal, reuniram-se pelas dez
 horas da manhã o Presidente da mes-
 ma Câmara e lida das seguintes Ju-
 da decaída, e os Vereadores João Ba-
 ptista de Almeida, João José de Pombal,
 Mathias Pereira, João Baptista de Almeida,
 João Mathias Pereira, e o qual

IMAGEM-01 Ata da Câmara Municipal de Pombal, folha 01

(Acervo pessoal WP_20170511_031)

isto e o Presidente Tomou assento no
Largo da Officia, e chamo-me em de
arrelvado ao seu lado esquerdo e os di-
tos Vereadores assentados ao lado de
mim a Mesa, sem distincão e sem
precedencia, e em seguida o Presi-
dente declarou a bõta a Sessão.
Em acto continuado o d'ito Presi-
dente declarou que havia comora
cada a presente Sessão estovar de in-
ter, e para da testemunha de
respeito e bõdicação ao Acto do Ci-
dadão Doutor Venancio da Silva, go-
vernador deste Estado da Parahyba,
pelo qual foi destruida esta mesma
Câmara Municipal, como se vira
de seu officio sob numero quatro cen-
tos sessenta e tres, de vinte e um de
Janeiro proximo passado, e presen-
tado e lido por mim Secretario,
como tambem para passar o exer-
cicio das respectivas funcões aos
Cidadãos João Dantas de Vasas,
Pereira de Barros de Souza, e Anto-
nio Ferreira Lima, e nomea dos
e grandes Entendentes deste Commu-
nicipio, que presente se achavam.
O que posto a votos foi unanimem-
mente decidido que assim se fizesse
e se cumprisse.
Depois disso o mesmo Presidente
que, considerand'o conveniente
declarou ao Cidadão Entendedor

IMAGEM-02 Ata da Câmara Municipal de Pombal, folha 02

(Acervo pessoal WP_20170511_032)

44
... em Secretario, Bento
dito Cavalleiro de Terra Bandeira
... Procurador João Ignácio Cor
... de ...
... Placido Pereira, e que em
virtude de suas funções legaes,
a dita Camara Municipal ha
no dia vinte tres de Janeiro pro
ximo passado, pto em assun
to de diversos impostos, murr ei
pões, que foram arrematados pe
lo Cidadão Antonio Vieira de
Terra Bandeira José Virgolino
Nogueira, José Diogo da Silva,
Francisco Fontes d'Almeida e An
tonio da Costa Barbosa, como
ludo consta do respectivo effor,
parem que por officio do Cidadão
Governador de numero cento e tan
ta e dois de dezessete de Janeiro de
mil oitenta e noventa, estovas
sem effecto as arrematações da
quelles impostos, para serem co
brados administrativamente,
uma vez que ainda não estovas
aprovados, accrescentando que,
por ordem do mesmo Governador
seja ser restituídas aos arrema
tantes as quantias recebidas.
Sem d'isto o mesmo Presidente
de Commisso que fosse entregue
o Archivo existente com todos os

IMAGEM-03 Ata da Câmara Municipal de Pombal, folha 03

(Acervo pessoal WP_20170511_033)

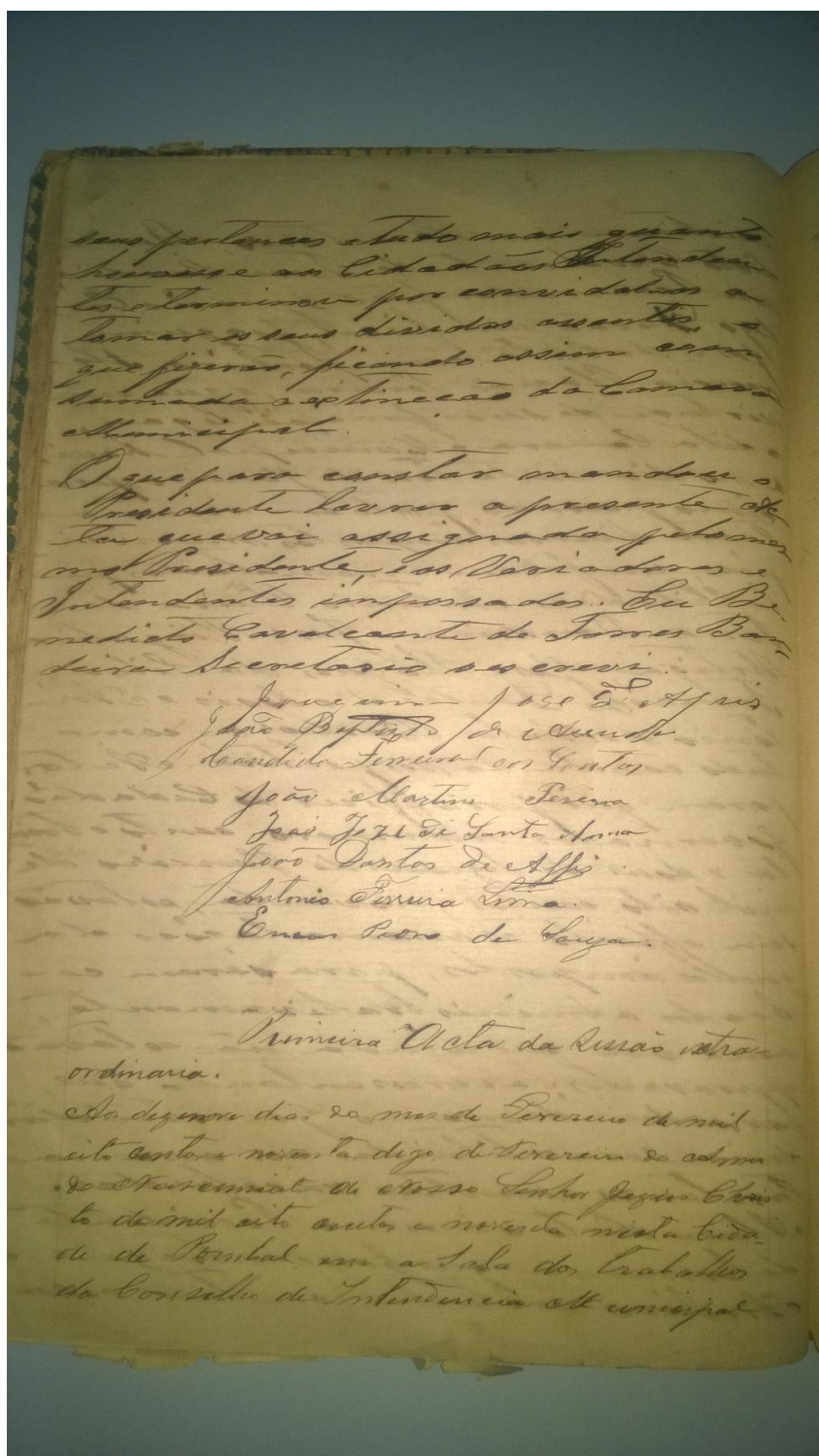


IMAGEM-04 Ata da Câmara Municipal de Pombal, folha 04

(Acervo pessoal WP_20170511_034)

çklçklçj